

Trancadas em casa! As crianças fintam a COVID-19

Natália Fernandes¹; Marlene Barra²

Esta proposta tem como objetivo apresentar um projeto desenvolvido no Instituto de Educação, Universidade do Minho,³ que no âmbito da sua missão enquanto escola de formação de educadores não pôde ficar indiferente ao impacto da Pandemia COVID-19 na população em geral e nas crianças em particular.

Confinadas em casa todas as pessoas, adultos e crianças, se sentem imersas numa situação que não parece real e que despoleta sentimentos por vezes contraditórios, que oscilam entre a vulnerabilidade e a resiliência, entre a vontade individual e a vontade coletiva, num tempo que continuamente se reconstrói à volta de inesperados que nos vão obrigando a reagir e a readaptar as nossas rotinas, as nossas relações, as nossas vidas.

Em Portugal, à semelhança do que aconteceu em muitos outros países, essa resposta significou uma limitação significativa dos direitos de movimento e reunião, restrições ao exercício de ações quotidianas, como ir ao trabalho, (para trabalhadores não essenciais) ou participar da vida comunitária. O impacto destas proibições no bem-estar de crianças e adolescentes é de grande preocupação, uma vez que direitos básicos de sobrevivência e proteção, onde se incluem os direitos à educação, brincadeira e socialização, e direitos políticos nomeadamente os relacionados com as (im)possibilidades de participação, estão a ser severamente postos em causa.

Por outro lado, começaram a multiplicar-se ‘memes’ em que as crianças apareciam em jaulas, acorrentadas à cadeira dos pais enquanto estes trabalhavam, com fita cola a tapar a sua boca...os quais tendo subjacente uma nota humorística não deixavam de retratar uma determinada imagem de infância: um grupo geracional que causava incómodo, que parecia estar fora do seu lugar e relativamente ao qual era necessário criar estratégias para o conformar a uma ordem adulta que tinha de assumir as suas responsabilidades profissionais em casa. De todos esses “memes” ficava a ideia de que somente os adultos estariam a sofrer impacto com o confinamento social a que todos tínhamos sido sujeitos. As crianças apareciam mais uma vez como um grupo cujos direitos se subsumiam aos direitos dos adultos, silenciadas, apresentadas como alguém que tem de ser contido e regulado e não como alguém que tem uma parte ativa no momento que se vivia, que tinham, também, vistos os seus direitos de alguma forma interrompidos, suspensos. Consideramos, no Instituto de Educação, que era dever cívico desta Escola contribuir com a sua *expertise* para ajudar a minorar os impactos que a situação de confinamento teria na vida de todos nós, e em especial, na vida das crianças.

Nesse sentido, desenvolvemos um projeto designado “*Trancadas em casa – As crianças fintam a COVID 19*”, logo nos primeiros dias de confinamento, em meados de março de 2020. O Trancadas em casa.pt é um canal de comunicação para acolher as vozes das crianças, de modo a conhecer e tornar visível o impacto da Pandemia COVID-19 nas suas vidas e de as desocultar enquanto categoria geracional no contexto da pandemia que se vive. Pretende, também, colaborar com as famílias e profissionais de educação na organização de estratégias que as respeitem na sua essência de sujeitos ativos de direitos e as ajudem nas suas aprendizagens e desenvolvimento.

Foi motivado por algumas análises resultantes do modo como as crianças começaram a aparecer nas redes sociais. Logo após o governo português ter decretado estado de emergência, e muitas famílias terem adotado o regime de teletrabalho, começaram a proliferar grupos de (auto)ajuda para as famílias com crianças, nas redes sociais, dirigidos a adultos: pais e mães, encarregados/as de educação, professore/as e educadores/as, com o objetivo de os auxiliar a manterem as crianças quietas e contidas enquanto eles tinham de trabalhar.

Tomando os artigos da Convenção sobre os direitos da Criança como ponto de partida, ficava a cada dia mais claro que os direitos das crianças não estavam a ser levados em conta, muito especialmente: o direito a serem ouvidas e levadas a sério (artigo 12); e o direito à liberdade de expressão (artigo 13) sobre a sua consciência e pensamento (artigo 14). Era também visível que as medidas que iam sendo tomadas não estavam a levar em conta o direito que

¹ Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade do Minho; Vice-Presidente: Internacionalização e Cooperação & Desenvolvimento, Portugal.

E-mail: natfs@ie.uminho.pt

² Investigadora CIEC – Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal.

E-mail: marlenebarra2016@gmail.com

³ A Universidade do Minho situa-se em Braga, Portugal.

as crianças têm à informação (artigo 17) e mesmo o direito universal a uma educação de qualidade (artigo 29) seria uma miragem para muitas crianças nesta fase de emergência sanitária global. Em suma, era imperioso que, perante o silêncio e ausência das vozes dos mais jovens, os adultos que prosseguem o melhor interesse das crianças se questionassem sobre se o direito das crianças a ter direitos estava mesmo a ser considerado (artigo 42).

Para ultrapassar da melhor forma este desafio trazido pela pandemia, partilhávamos o entendimento de que seria de crucial importância criar espaços para que as crianças nos ajudassem (a nós adultos) a saber e a compreender as suas necessidades, com o objetivo de se poderem pensar em estratégias para enfrentar com elas uma situação nova para todos e tem atrelados muitos desafios na salvaguarda e respeito pela criança enquanto sujeito ativo de direitos.

Apresentação do projeto/site

Perante a situação que então se colocava, um grupo de docentes e investigadores do IE-UMinho⁴ com o objetivo de apoiar a efetivação dos direitos da criança e contrariar aquela visão da criança passiva e afônica perante os desafios da situação de confinamento devido à pandemia de COVID-19, chegou ao entendimento de que seria de crucial importância escutar as crianças através das suas próprias “linguagens” digitais (vídeo, áudio, imagem, etc.). Esta escuta, imperativo epistemológico de uma escola que se distingue pelo trabalho realizado a partir da imagem enquanto sujeito ativo de direitos, é um mecanismo básico para assegurar a visibilidade das crianças, sobre o modo como estariam a passar os seus dias com a família e os amigos, sobre o que pensam e sentem, questionam, sobre o que fazem ou gostariam de fazer, entre outros aspetos. Após alguma discussão, foi decidido criar uma interface digital *on-line* que permitisse acolher as vozes das crianças e divulgar as suas vivências e que ao mesmo tempo colaborasse com os pais e os profissionais de educação na organização de estratégias promotoras do bem-estar das famílias, mas que, sobretudo, respeitasse nas crianças a sua essência de sujeitos ativos de direitos.

Assim, a interface digital *on-line* que se propunha possibilitaria: (i) alojar informação adaptada para as crianças compreenderem a situação que estão a viver; (ii) permitir a partilha de ideias, sentimentos, opiniões, e outras expressões das próprias “linguagens” das crianças com os seus pares e outros adultos; (iii) criar um repositório atualizado de informação no âmbito da COVID-19 (saúde, serviços, atividades para crianças e para adultos, etc.) devidamente filtrado e de qualidade garantida para acesso dos pais, cuidadores e profissionais da educação.

Em finais de março de 2020, depois de ponderadas as questões éticas e de regulamentação dos direitos de imagem das crianças e famílias, nascia a interface digital “Trancadas em Casa! As crianças fintam a COVID-19”, tendo como público-alvo as crianças até 12 anos e as suas famílias em situação de confinamento domiciliário.

A interface digital www.trancadasemcasa.pt é, neste momento, um dos poucos canais que permite acolher as vozes das crianças em Portugal, de modo a conhecer e tornar visível o impacto da Pandemia COVID-19 nas suas vidas.

Ao contrário da esmagadora maioria dos projetos e atividades que vimos surgir durante esta pandemia, de carácter unidirecional e com a preocupação de “entreter” as crianças, o principal objetivo deste espaço é o de permitir a escuta e partilha das ideias, pontos de vista e opiniões das crianças através do envio de textos, desenhos, vídeos, questões, etc. Estas produções das crianças são propriedade delas próprias e a sua utilização só poderá ser feita com a devida autorização dos autores. A receção destas é feita exclusivamente pela equipa de desenvolvimento do projeto, que zela pelos cuidados éticos inerentes a processos desta natureza, nomeadamente a salvaguarda da identidade e proteção dos participantes. Assim, a informação pessoal e os materiais recebidos, tais como fotografias, vídeos, desenhos e textos da autoria das crianças serão guardados pelo período de tempo estritamente necessário ao cumprimento das finalidades do projeto. Os responsáveis pelo envio da informação e os seus autores poderão, no entanto, a qualquer momento mudar de ideias e pedir que não se utilizem estes materiais, mesmo após o seu envio e/ou publicação, bastando para isso informar a coordenação do projeto, a qual em tempo útil procederá à sua remoção.

Simultaneamente, através das atividades que são propostas, este espaço virtual colabora com as famílias e os profissionais de educação na organização de estratégias que as respeitam as crianças na sua essência de sujeitos ativos de direitos e as podem ajudar nas suas aprendizagens e desenvolvimento. Os pais e familiares das crianças podem obter informação atualizada através de ligações a sites de terceiros, os quais, por cortesia aos nossos visitantes, disponibilizam o acesso a informações úteis e atualizadas. O Site encontra-se permanentemente em construção e todos os conteúdos são previamente filtrados pelo grupo de docentes envolvidos no projeto, tendo em conta a credibilidade da fonte, a qualidade e o rigor na apresentação da informação sobre as exigências sanitárias, serviços e atividades disponíveis, em cada período (confinamento, emergência, calamidade, “desconfinamento”).

São, também, asseguradas um conjunto de rubricas síncronas, destinadas a diferentes faixas etárias: música para bebés e suas famílias, expressão musical para crianças até aos 12 anos; momentos para contar histórias; ou dicas para atividades de expressão plástica, por exemplo. Neste espaço, pensado para contribuir para o bem-estar das crianças, existe também a oportunidade para fazer perguntas aos “Verdadeiros HERÓIS desta Pandemia”, uma vez que médicos, enfermeiros, agentes de autoridade e bombeiros, estão disponíveis para responder às questões que são colocadas.

As propostas, designadas “novidades”, que semanalmente são renovadas no site www.trancadasemcasa.pt, são asseguradas por alunos de doutoramento e outros ex-alunos do IE-UMinho, tal como as atividades síncronas de

⁴ Natália Fernandes; Marlene Barra; António Osório; Ana Francisca Azevedo; M^a Teresa Sarmento; M^a Alfredo Moreira; Ana Paula Loução; Ricardo Ribeiro; Ana Tomás de Almeida; M^a Teresa Vilaça.

natureza musical e de narração de histórias. O público destas atividades está em crescimento desde o início, o que demonstra que os voluntários nestes espaços estão a vencer o desafio que lhes foi proposto: independentemente da natureza da atividade, o mais importante é estarem a construir momentos interativos que ultrapassam os constrangimentos de uma sala virtual, nos quais cada criança se sente “vista”, ouve chamar pelo seu nome, sente a sua voz escutada, vê os seus anseios esclarecidos, e que quer voltar uma e outra vez, trazendo amigos!

O site “Trancadas em Casa! As crianças fintam a COVID-19” funciona sem qualquer apoio financeiro, sendo que o apoio de outras organizações e parceiros se limita à publicitação recíproca de atividades e serviços de projetos que se identificam com a proposta, tanto nas páginas oficiais como nas redes sociais de cada um. São exemplos: os Centros de Investigação, Centro de Investigação em Educação (CIED) e o Centro de Investigação em estudos da criança (CIEC); a plataforma ProchildCoLab; a Associação AESAS; o movimento STOP CANCER Portugal; o blog de profissionais da educação EDUPROFS, o projeto “Crianças na UFBA em sua Casa” da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e, muito recentemente, a Rádio Miúdos – uma rádio on-line feita por criança para crianças.

Alguns resultados

O site está a funcionar desde finais de março/2020, contando até ao momento com mais de 6000 visitantes e a participação de mais de 130 famílias portuguesas e brasileiras nas diferentes atividades que vão sendo semanalmente propostas. O objetivo é continuar a alargar o seu alcance, garantindo que um número cada vez maior de crianças tenha a oportunidade de fazer ouvir a sua voz sobre os condicionalismos e as oportunidades deste período de confinamento devido à COVID-19. Da mesma forma, garantindo aos seus familiares e cuidadores oportunidades de acesso a conteúdos e informações que os auxiliem no exigente desempenho dos inúmeros papéis que foram chamados a desempenhar, da noite para o dia: pais, profissionais, cuidadores, professores, cozinheiros...

Da parte do público mais jovem, em geral crianças dos 6 até aos 12 anos, foram recebidas mais de duas centenas de produções originais.

Entre estas encontram-se mais de meia centena de desenhos alusivos à situação pandémica, ilustrando muito especial e frequentemente o aspeto do próprio coronavírus, assim como diferentes aspetos do dia-a-dia das crianças no tempo de confinamento. Nesta dimensão encontram-se muitas mensagens coloridas de arco-íris, com palavras de esperança – “Vai ficar tudo bem”, harmonia, alegria e paz. No entanto, chegam também composições mais aguerridas de personagens imaginárias que vão salvar o mundo do coronavírus através de super-heróis ou dos seus superpoderes!

As produções fotográficas enviadas pelas crianças e seus encarregados de educação, refletem geralmente a rotina das crianças nas suas casas, com ideias originais sobre como passar o tempo em família. Para além dos trabalhos escolares, são fixadas brincadeiras, cozinhados, atividades de expressão plástica, corporal e dramática, assim como estão contempladas ideias sobre como fazer crescer plantinhas, observar formigas, dar de comer aos passarinhos ou às borboletas...

Nos vídeos enviados, as crianças falam sobre o que entendem da pandemia, dão soluções mágicas para o desaparecimento do coronavírus ou deixam mensagens de esperança às outras crianças e adultos. São também, com frequência, as protagonistas de pequenos “espetáculos” de dança, música e pequenos teatros, dando-nos a conhecer por vezes a sua faceta de escuteiras, dançarinas, músicas ou cozinheiras.

Finalmente, na dimensão de produções escritas percebemos que são as crianças mais velhas que contribuem para o seu enriquecimento. Nelas, encontram-se textos que falam de rotinas estruturadas e pequenos diários, mas também redações ou poemas que revelam pensamentos e sentimentos mais profundos de alguma confusão, desamparo e tristeza.

Este projeto está em permanente construção, verificando-se a existência de algumas atividades análogas ao nível nacional e internacional, embora estas se revistam de um caráter pontual e não se estruturam numa linha de continuidade como o que aqui é proposto. Tem sido também alvo de alguma curiosidade entre os meios de comunicação social nacionais (rádio e jornal) e ao nível internacional serviu de inspiração para o nascimento de um projeto similar além-mar: “Crianças na UFBA na sua casa”, uma ação do Projeto de Extensão Permanente Crianças do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Tal como pode ler-se na página deste projeto, os autores entendem que o afastamento dos pares:

(...) pode ser muito difícil para as crianças e que por isso a equipe do ‘Crianças na UFBA’ resolveu se unir-se à iniciativa do Instituto de Educação da Universidade do Minho em Portugal (www.trancadasemcasa.pt) e passará a disponibilizar em suas redes sociais, um conjunto de materiais, dicas e trocas de experiências entre as crianças.

Para rematar, gostaríamos de dizer que a pandemia que vivemos é um exemplo poderoso do modo como os nossos direitos são reconfigurados e em especial os direitos das crianças. A situação de confinamento implica o enfraquecimento ou o rompimento com a esfera pública das redes de cuidados das crianças, do modo como o direito à proteção, o direito à educação, ou ainda o direito a brincar, são desafiados no quotidiano das crianças.

Estamos conscientes que as desigualdades sairão acentuadas com esta situação de pandemia que vivemos. Serão, sem dúvida, as crianças que já se confrontavam com um exercício condicionado e limitado dos seus direitos, aquelas que maior impacto negativo sofrerá na sua condição de cidadãos.

Múltiplas são as infâncias e múltiplas são as faces das desigualdades, mas um único desejo deverá permanecer e vingar: mais equidade no usufruto da sua condição enquanto sujeitos ativos de direitos. Se com a pandemia fomos mobilizados a pensar novas versões de relacionamento, de cidadania, de cuidado coletivo e de humanidade, tais conquistas deverão inspirar-nos a pensar numa sociedade com *lugar* para as crianças.